

O mundo de Kafka

Cícero da Silva¹

Rendendo-me às pressões do mundo literário, contarei brevemente o episódio do encontro que tanta influência iria ter sobre os rumos da ficção e da vida de Kafka (e também sobre a minha).

Depois de escrever várias histórias e não ser entendido pelos leitores, Kafka já estava aborrecido. E, mais uma vez, gostaria de lançar um outro grande desafio. Não seria uma audácia.

— Agora tenho que me desligar do mundo de verdades, de coisas concretas, dizia Kafka, ao deparar-se com a foto de Che dependurada sobre a escrivaninha do escritório. Antes de tudo penso que só há um problema: não posso aceitar que alguém diga que sou loroteiro, porque estou com Che, depois de tantos anos que ele faleceu. Pois hoje eu sou o dono da verdade. Neste mundo que me encontro agora, tudo deve ser estabelecido de acordo com minha vontade. Não posso fingir apenas aquilo que somos de fato; mas tudo o que imaginamos poder ser, reforçou Kafka. Eis o porquê do meu monólogo.

Era noite de 1º de abril, quando Kafka isolou-se desse mundo de realidade, de fatos da razão... Apesar de sua habilidade em lidar com a linguagem, ainda não acreditava que seria compreendido; tinha que ser convencido disso, ao saber que estava falando apenas à fotografia de Che.

— E você, leitor, precisa me questionar, embora eu seja o dono de meu mundo. Meu reino é tão maleável que posso conduzi-lo apenas com minha imaginação e uma ponta de lápis sobre o papel. E disso, não lhes deixarei minúcias. Também não aceito que me chamem de paladino; sou magnífico. Todavia, para chegar a este encontro no mundo fantástico, precisei sofrer bastante, fazer “vista grossa” às coisas animadas que me poderiam trazer a felicidade, a qual nunca recebi de alguma donzela. Minha alucinação é tamanha que a procura por este ideal passou a ser feita durante longas viagens à noite. Isso não é devaneio, mas como sou careta e antiquado para as insensatas, agora é tempo para fantasiar meu mundo.

¹ Doutor e mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor Ajunto da UFT, atuando no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes e Música – Campus de Tocantinópolis e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – Campus de Araguaína. E-mail: cicolinas@yahoo.com.br

O mundo que Kafka pintava, até aqui lhe dava a impressão de que não seria interpretado por qualquer leitor. Não pretendia deixar nada fácil. Por isso, acreditava que o leitor deveria participar ativamente da estória para entendê-la.

— Como todos os trabalhos, salientou Kafka, este também é árduo e espinhoso. O que eu nunca tive foi desânimo. Nunca gostei de andar à luz do dia; nas trevas da noite é mais seguro. O que estou citando pode ser irreconhecível; aliás, também não faço o menor sentido para você, leitor! Mas você precisa me definir, apesar de agora o que estou vivendo seja mera ilusão. Diante de tudo o que me foi imposto para chegar até aqui, afianço-te que para sobreviver em qualquer momento não pude enfrentar a morte ajoelhado; mas de pé, mimetizando o mundo como ele é. E isto que escrevo agora é meu maior exemplo concreto para a sociedade dos meus. Quem dera você também poder entrar neste mundo tão seletivo! Não sou digno de que digam que sou um fingidor, como diria Pessoa. Mas estou escrevendo para quê? Para quem? Apenas para criar mais um estorvo esquecido no mundo em que vivem as traças e os cupins? Ah, já chega! Sempre fui podado dentro do mundo concreto, porém acredito que este escrito conseguirá pelo menos sobreviver, como agora vejo essa fotografia de Che no túnel do tempo. Assim, também gostaria de que no reino que eu passo a residir enquanto você me lê, eu seja reconhecido não pelo talento, mas levada em consideração a lealdade com que trato este mundo de artifícios. Nunca direi nada apenas para alcançar êxito; mas para mostrar-lhes a verdade deste mundo de invenção, no qual eu vivo mas não existo, e no fundo não tenho nenhuma verdade pronta. Lembre-se, você deve me corrigir.

E prosseguindo, Kafka, comovido, por estar perante aquela relíquia que sempre confundia com a pessoa do guerrilheiro Che, disse:

— Aliás, esta estória é minha, já que tenho modos de matuto; para muita gente sou um pé-rapado. Afinal, não sou deste mundo de mulheres que trocam um passeio de motocicleta ou carro, um jantar em um restaurante chique, por um homem de minha personalidade. Sei que não faço a menor falta para elas, sou virgem inócuo, porém este palavreado que tenho jamais poderá ser blefe. Minha mãe dizia que tenho muitos defeitos, mas na hora “H” sempre falo a verdade, até porque neste mundo não poderei deixar de ser fiel com a veracidade dos fatos. Mas porque escancarar as feridas originadas de quando escrevo uma estória lastimando os sofrimentos, que vivo até hoje? Bastantes de vocês, leitores, vão se lembrar agora de algum sofrimento que já sofreram nesta vida, ao confrontá-los com o meu sofrimento. Nem mesmo os problemas foram capazes de tornar o mundo assombrado para mim. Nunca tive medo. Assim como não me preocupa conversar sozinho com a fotografia de

Che a minha frente. Demasiadas vezes tentei fingir a realidade para tornar-me um sujeito feliz, perambulando num mundo colorido com o meu pincel, porém pouquíssimo mérito eu consegui. É claro que *A metamorfose* obteve lá o seu lugar de destaque. E hoje, o que me dá força para escrever é a solidão. Os acontecimentos em minha vida, neste momento, realizam-se à medida que vou matutando para escrever. É por isto que gostaria de permanecer no mundo da literatura, pois é onde posso falar da invenção e de mim, ao mesmo tempo. Porque morri antes de entrar nesta estória, embora eu possa fazê-la existir apenas na minha cabeça. Ainda não domino o mundo em que vivo agora com tanta perfeição; sei que a língua é a minha ferramenta imprescindível para navegá-lo.

Aquela monotonia parecia não permitir que Kafka encontrasse a ponta do fio da meada. Ali, naquela penumbra, seus olhos enxergavam um mundo sem horizonte. Até que, mergulhado no seu pequeno mundo, encontrou o seu velho e habilidoso datilógrafo, a quem chamava Celeste. Era alto, magro, olhos verdes. Tinha dedos finos e ágeis, posto que o ofício o exigisse. Esse sujeito teve uma formação baseada na personalidade *kafkeana*. Por sinal, tinha bom caráter. E observando Kafka em seu trabalho, demonstrando bastante intimidade, interrompeu o mestre:

— Já estou achando tudo muito exaustivo, disse o datilógrafo. Sei que para escrever mais esta estória, Kafka, necessitarás de milhares de minutos. Terás que fazer a barba várias vezes. E como não és desocupado como os “Mauricinhos”, adquirirás grandes olheiras.

E o mestre, voltando-se calmamente para o lado, interrogou-o:

— Mas essa não é a principal mazela que sofri para chegar ao mundo da escrita, Celeste?

— Deveras, Kafka, afirmou Celeste. O mundo da imaginação nos consome.

— Saiba outra coisa: agora eu posso viver o que eu quero. Aqui não precisamos mais de dinheiro, mesmo que se demonstrarmos ao leitor que estamos passando fome. O que me enriquece aqui é a habilidade da criação.

— Mas como podes criar se não és Deus, perguntou Celeste?

— Celeste, lembre-se de que no mundo real podemos ser livres (como fora Che) e dominados, explicou Kafka. No pequeno mundo desta sala também não é tão diferente. A diferença é que aqui tudo depende de mim. E eu estou decidido. Sou o dono de minhas palavras, acredite! Posso fazer e desfazer; só não posso mentir. Portanto, o que eu escrevo é verdade legítima, apesar de que quando falo do real, sei que o deformato. Tudo o que — eu e você — fomos no passado nunca me interessou saber, antes mesmo de começar a escrever e

compor esta estória. Como os nossos dedos são todos diferentes, esta estória também não poderia ser igual a outras. Sinto-me fascinado com este mundo de artifícios, já que de repente estou a falar com o jovem Celeste. Ora, Celeste, você é único. No mundo inteiro não há ninguém que seja igual a ti.

Ali na pequena escrivania a conversar com Celeste, Kafka mergulhava num mundo tão distante, talvez até o que viveu Che durante sua aventura. E Celeste, tal qual Che, nunca obtivera mérito, embora este tenha deixado Cuba, vitorioso, e ter sido traído nos Andes. Sabia que era “Um”, não “mais um”. Kafka resolvera falar da vida de um homem porque desde o jardim do Éden o homem foi manipulado quando Adão foi convencido a comer a fruta pecaminosa. Não aceitaria que alguém o acusasse de machista, mesmo que se sentisse obrigado a afirmar que o homem é mais sentimental que a mulher.

Para Celeste, aquilo que o Mestre explicara a pouco fazia sentido. Havia convergência entre as ideias de ambos. E sentindo-se até um pouco comovido, por estar presente com Kafka, encontro que muitos leitores gostariam de ter, o datilógrafo aproveitava para vislumbrar ainda mais o mundo de seu grande mestre:

— Kafka, o mundo não tem pena de ninguém, disse Celeste, olhando a fotografia de Che. Lembre-se, apesar de Che ter conseguido implantar o socialismo no coração latino americano, os soviéticos acusaram-no de aventureiro. Talvez você não entenda o que estou lhe dizendo, mestre.

— É, de fato, nós também somos aventureiros, reforçou Kafka. Espero que tires desta estória ao menos o sentido de uma palavra, porque uma frase poderá ter vários sentidos. Tudo porque as ações desta estória carregam as mutações que sofrem minha memória, à medida que eu raciocino a fim de buscar um conceito sem verdade definida. Isso parece coisa de doido.

— Realmente, mestre, agora me lembro que desde o momento em que me encharquei no mundo da literatura contigo, nesta sala, fui tido como doido pelos meus amigos, disse Celeste.

— Esqueça isso, Celeste, repreendeu Kafka. Eu também, às vezes, fui comparado a um doido pelos leitores. Mas deixa isso pra lá! O mundo real não nos interessa agora.

— Tens razão, Kafka. Agora entendo porque o mundo da realidade não permite que meu nome fique cravado na História da humanidade. É porque só passei a existir através de você, no mundo da ficção, o qual é livre. Desgarrado do mundo real.

E para sanar mais dúvidas de Celeste, Kafka retomou a explicar:

— Celeste, e o êxito neste mundo que você está vivendo depende primeiro de como dizer a minha (sua) estória, porque esse é o fator que faz com que o leitor aplauda ou não, a nossa aventura. Nós precisamos decifrar o significado da literatura não como objeto da realidade, porém como excelência do ato de criação do exterior irreconhecível. Mas isto é possível, Celeste, se estou morto?

— É, Kafka, recordo-me de certa vez em que Picasso disse que “a arte é uma mentira que revela a verdade”.

E já era tarde, quando Kafka levantou a cabeça. Ficou com os olhos metralhando do lado direito para o esquerdo à procura de uma pessoa, notou que estava sozinho. Ali naquela sala só havia seus móveis, os livros e a famosa fotografia de Che, dependurada na parede. E parando de escrever, perguntou, com ar de solitário no seu pequeno mundo:

— Onde está o Celeste?

Sem obter nenhuma resposta, mexeu-se na cadeira e roçou as mãos nos olhos, dando sinal de cansaço. Então, escorando os cotovelos sobre a escrivaninha, e com olhos fixos na fotografia de Che, recordou:

— Ah, desde agora a pouco só havia eu e o Che nesta sala. Então, a fotografia é o Che? Não, não é ele em pessoa. Agora entendi. A fotografia é apenas a presença de uma ausência, isto é, o mundo ausente em sua integralidade, afirmou Kafka.

Com isto, Kafka, matutando, acreditava ter-se encontrado num mundo tão enigmático. Celeste, com quem dividira um breve diálogo naquela noite, desaparecera repentinamente. Afinal, percebia-se que nem Kafka tinha interesse em explicar o sumiço de Celeste. Agora só lhes restava uma opção: descansar no seu pequeno mundo. Ah, quantos mundos, grandes e pequenos, não são criados por sujeitos como Kafka!?

*Recebido em 04 de janeiro de 2019.
Aceito para publicação em 29 de abril de 2019.*